

## RELATO DA MINHA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA ALDEIA DE BARRA VELHA EM PORTO SEGURO-BA

### REPORT OF MY PROFESSIONAL EXPERIENCE IN THE VILLAGE VILLA VILLAGE IN PORTO SEGURO-BA

### INFORME DE MI EXPERIENCIA PROFESIONAL EN LA ALDEA VILLAGE VILLAGE EN PORTO SEGURO-BA

Charlene Ribeiro de Souza

**Resumo:** Os Pataxós vivem no extremo Sul do Estado da Bahia, em 36 aldeias distribuídas em seis Terras Indígenas -- Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha e Mata Medonha -- situadas nos municípios de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Itamaraju e Prado. O meu relato de experiência acontece na Aldeia de Barra Velha, considerada Aldeia mãe, onde fui professora do magistério Indígena, na modalidade Pedagogia da alternância nos anos de 2004 á 2006, nesse período convivi com o povo pataxó que tanto tinha desconhecimento e até preconceito, esse convívio me possibilitou mudar minha visão sobre os indígenas e também quebrar alguns tabus que tinha em relação aos seus rituais, foi quando assistir um AWÉ com os mais velhos, onde presenciei a incorporação de uma senhora índia com uma ancestral que participou do fogo 51, que foi um massacre histórico que marcou a história dos pataxós no Sul da Bahia.

**Abstract:** The Pataxós live in the extreme south of the State of Bahia, in 36 villages distributed in six Indigenous Lands - Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha and Mata Medonha - located in the municipalities of Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Itamaraju and Prado. My experience report takes place in the village of Barra Velha, considered a mother village, where I was a teacher of the Indigenous teaching profession, in the Pedagogy of Alternation category in the years 2004 to 2006, during that period I lived with the Pataxó people who were so ignorant and even prejudiced, this interaction made it possible for me to change my view of the indigenous people and also to break some taboos I had in relation to their rituals, it was when I attended an AWÉ with the elders, where I witnessed the incorporation of an Indian lady with an ancestor who participated in the fire 51, which was a historic massacre that marked the history of the Pataxós in southern Bahia.

**Resumen:** Los Pataxós viven en el extremo sur del Estado de Bahía, en 36 aldeas distribuidas en seis tierras indígenas: Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha y Mata Medonha, ubicadas en los municipios de Santa Cruz Cabrália, Oporto. Seguro, Itamaraju y Prado. Mi informe de experiencia tiene lugar en la aldea de Barra Velha, considerada una aldea madre, donde fui maestra de la profesión de enseñanza indígena, en la categoría de Pedagogía de la Alternancia en los años 2004 a 2006, durante ese período viví con las personas Pataxó que eran tan ignorantes e incluso prejuiciosas, Esta interacción me permitió cambiar mi visión de los pueblos indígenas y también romper algunos tabúes que tenía en relación con sus rituales, fue cuando asistí a un AWÉ con los ancianos, donde presencié la incorporación de una mujer india con un antepasado que participó en el incendio 51, que fue una masacre histórica que marcó la historia de los Pataxós en el sur de Bahía.

**Palavras-chave:** Pataxó; Indígena; Experiência; Educação.

**Keyword:** Pataxó; Indigenous; Experience; Education.

**Palabra clave:** Pataxó; Indígena; Experiencia; Educación.

## INTRODUÇÃO

*“Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar”.*

*(Kanátyo Pataxó, Txopai e Itôhá, 1997)*

Na escola primária, no colegial e também no ensino médio nunca tive contato com um indígena, sempre estudei nos livros didáticos e ouvia meus professores falarem de como os índios viviam, o que comiam e o quanto eram diferentes de nos não índios, tinha muita curiosidade de conhecer uma aldeia, imaginava que a mesma era como nos filmes e desenhos cheias de ocas e que os moradores andassem sem roupas.

Mesmo morando em Porto Seguro onde possui mais de cinco aldeias eu nunca antes tinha visitado uma nem conversado com um índio, parece até mentira, mas essa era a realidade, morando na mesma cidade não tínhamos na época de escola nenhum contato com os mesmo, somente quando era festa do descobrimento que sempre um grupo de Índios e índias jovens iam dançar na abertura da missa do descobrimento.

Mas até aí nunca percebi o que significava aquela dança, nem as vestes, nem sua língua, para mim era uma simples apresentação teatral, sendo assim, o objetivo desse relato é compartilhar minha experiência com o intuito de sensibilizar os professores em relação a viver com outras culturas e saberes.

## METODOLOGIA

O presente trabalho foi construído através de minhas lembranças enquanto professora na Aldeia de Barra Velha, bem como nas leituras sobre o povo Pataxó em revistas e artigos e será apresentada no II seminário Regional de Ensino através de slides constando os pontos principais a serem discutidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Então fui tocando minha vida profissional, após entrar na faculdade de pedagogia comecei a atuar como professora contratada na prefeitura de Porto Seguro, trabalhei de 2001 até 2003 contratada na mesma escola, foi quando em 2004 a diretora dessa escola foi exonerada e conseqüentemente quem trabalhava com ela também, fiquei muito preocupada porque precisava pagar a faculdade. Já estava desesperada quando a minha ex-diretora liga e diz que conseguiu uma vaga para ela e para mim como professora numa turma de magistério indígena na aldeia de Barra Velha, no sistema pedagogia da Alternância, tendo que ficar uma semana por mês lá dentro da aldeia, dando aula de Didática os três turnos. Aceitei o desafio,

e fui, o roteiro até chegar a aldeia era lindo, tínhamos que ir por Caraiva, atravessar o rio de barco, nunca tinha andado de barco, era uma grande mistura de novas experiências e aprendizagens, depois tínhamos que pegar um bugre e atravessar a praia, levávamos comida, colchão, lençóis, botijão de gás e até vela pois lá não tinha energia.

Quando cheguei na escola, tive outra surpresa, uma escola linda, toda equipada, bem grande no meio daquela aldeia, fiquei mais uma vez encantada. Fui recebida pelo diretor que me levou até a sala e me apresentou a turma, mais uma vez me surpreendi de vê aqueles alunos todos Índios, vestidos, arrumados e sentados, tão educados, fiquei maravilhada com a turma. Foi uma aula maravilhosa, pedi que eles se apresentassem e me emocionei, ao saber que tinha alunos Índios que nunca tinham saído ali da aldeia e que a curiosidade para/com a cidade era grande, me dei conta então o quanto fui preconceituosa em relação aos mesmos, percebi o quanto eles eram especiais em sua diferença. E comecei a estudar para a cada semana de aula eu entendesse mais sua realidade, seus costumes e saberes, a única coisa que me incomodava e que eu não consegui aprender era sua língua o Patxohã.

O Patxohã é uma língua do tronco Macro-Jê e da família linguística Maxakalí. A rigor, a língua indígena não é mais falada, a comunicação sendo feita através do português mesclado com vocabulário da língua indígena. Todavia, um grande esforço está sendo desenvolvido para a reconstrução do Patxohã – “Língua de Guerreiro” (Bomfim,2014).

A cada semana de aula que iniciava, me sentia mais confiante e também conseguia a confiança dos alunos, nossas aulas eram dinâmicas, criativas, participativas e falávamos de tudo, amava ouvir suas histórias e eles as minhas, comecei a ganhar presentes, artesanatos, adereços como pulseiras, colares e presilhas de cabelo que eles mesmos faziam, eram lindos, voltava para casa toda enfeitada e com saudades da turma. Mas sentia que ainda precisava experimentar mais, queria visitar suas casas, assistir suas danças e rituais, mas para isso precisava ser convidada, pois eles ainda não se sentiam totalmente seguros para receber uma pessoa não índia em suas casas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passaram-se dois anos maravilhosos de aula e troca de conhecimentos, quando em 2006, os alunos me convidaram para assistir o AWÊ como os mais antigos, os quais eles respeitavam muito, e precisava da autorização do Cacique para que os professores, não-Índios pudessem assistir, e assim aconteceu, os alunos conseguiram a autorização e lá fui eu junto com uma colega professora, saímos do alojamento a luz de uma lua cheia brilhante e descemos até o centro de cultura deles, onde acontecia todos os rituais e eventos, era uma

noite de festa, tinha fogueira, comida e muita gente todos vestidos a rigor. O Awê ou Heruê, para os Pataxós, representa força, união, alegria, espiritualidade e acima de tudo conquista. Cantar e dançar não são apenas uma diversão, pois quando se fala em cantar e dançar o awê pensa-se em entrar em harmonia com o ambiente e com o sagrado.

[...]. Parece que quando se fazia um Awê antigamente era uma única música/dança o tempo todo. Mas fazer um Awê é uma expressão que hoje [se] refer[e] a contextos diferentes de festas [...] engloba um conjunto bem variado de coreografias, cada qual com um sentido determinado” O Awê requer cauim e, eventualmente, aluá, uma bebida fermentada de grãos de milho moidos ou cascas de frutas, como o abacaxi, entre outras (Grunewald, 1999, p. 251).

O Awê traz segurança: a dança e o canto são instrumentos de comunhão entre os Pataxós, pois o canto é a voz dos espíritos, é mensagem entre as pessoas que faz viajar entre histórias, mergulhar em sonhos, viajar por mundos distantes. Na dança, transpira-se energia antiga e recuperam-se outras da terra, do ar, da água, do fogo e de todas as energias positivas que formam a natureza.

A dança e o canto Pataxó buscam a harmonia do canto dos pássaros, o barulho das águas, o movimento das nuvens, o silêncio das pedras, o ruído dos ventos, o calor do sol e a pureza da lua... É assim que celebram e revivem com os antepassados tudo o que são, buscando neles a força para continuar lutando e enfrentando os desafios da vida (Povo Pataxó, 2005, p. 87).

Quando os mais velhos começaram a se reunir, eu percebi que nenhum jovem encostou que eles respeitavam mesmo aquele momento, eles fizeram um círculo, o pajé fez uma oração em sua língua Patxohã. Após iniciaram o ritual, cantando e dançando, eu sentia uma grande emoção ao mesmo tempo, sentia um arrepio, um calafrio, algo ali estava acontecendo e eu não entendia, aquele momento era único e diferente de tudo que eu havia vivido antes, eles batiam seus pés com força no chão e parecia que toda a aldeia tremia, quando de repente uma senhora índia incorporou uma ancestral que viveu a tragédia do fogo de 51. Essa senhora gritava, gemia, chorava e relatava o sofrimento dela e de seus familiares, parecia que ela estava vivendo aquilo. Fiquei muito impressionada, senti medo, dor, imaginei o que foi esse fogo de 51 para aquele povo.

Há quase 70 anos, a aldeia de Barra Velha, próxima a Porto Seguro na Bahia, teve todas as suas casas incendiadas. Os indígenas Pataxó, acusados de crimes que não cometeram, foram espancados, chicoteados, torturados e mortos pela Polícia local. Inclusive o cacique, então com 85 anos, foi surrado e preso mesmo quando já se sabia que o caso era todo por culpa da ação de brancos estelionatários. Esse triste marco na história do povo, que deixou tantos Pataxó desaldeados e

desamparados pelo governo, ficou conhecido entre eles como o Fogo de 1951 (Andriolli Costa, 2018).

O Fogo de 1951 é um marco bastante trágico da história Pataxó. Dois homens procuraram pelos Pataxós dizendo que haviam interesse em ajudar na demarcação que terras Pataxó que enfrentavam um conflito com o governo do Estado que criara o Parque Nacional de Monte Pascoal, território Pataxó. Houve então um assalto, realizado por estes dois homens. Porém, foram os Pataxós que sofreram as consequências cruéis da culpa que lhe impuseram. A Aldeia Barra Velha se extinguiu. Houve incêndio, mortes e muita crueldade. Os Pataxós que sobreviveram fugiram e se refugiaram como puderam. Nos anos 2000 quatro famílias voltaram a reivindicar suas terras em torno do Monte Pascoal.

Portanto, fiquei nessa aldeia de Barra Velha durante cinco anos, a turma a qual fui para dar aula se formou, numa grande festa, pois eles passariam agora a ser os professores, assumindo nosso lugar, foi uma experiência que mudou minha trajetória profissional e também emocional, aprendi a vê o povo pataxó com outros olhos a respeitar suas lutas e dores, mudei como professora e sempre uso seus exemplos em minhas aulas, pois não existe um povo mais resiliente e unido que eles.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGOSTINHO, Pedro. “Identificação Étnica dos Pataxós de Barra Velha, Bahia”. In: Memorian António Jorge Dias. Vol. II. Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Junta de Investigações Científicas do Ultramar. 1974, pp. 393-400.

BOMFIM, Anari. B. . Patxohã: o processo da língua Pataxó no tempo presente. In: Jocélio Teles dos Santos. (Org.). *Discutindo Etnicidades*. ed.Salvador: EDUFBA, 2014, v. 00, p. 07-199.